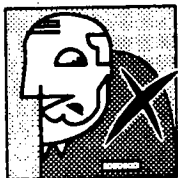


Estado reúne 'campos de concentração'

■ Sete em cada 10 diárias de pacientes terminais são pagas no Estado do Rio, o que garante alto lucro para empresários do setor

ISRAEL TABAK



Se a Casa de Saúde Santa Genoveva é um *campo de concentração*, como definiu o deputado estadual Sérgio Cabral Filho (PSDB), o Estado do Rio é o maior *campo de concentração* de doentes terminais do país. Segundo dados oficiais do Ministério da Saúde, nos últimos anos, cerca de 70% das diárias dos pacientes conhecidos como FPT (Fora de Possibilidade Terapêutica) têm sido pagas aqui. Um dado de 1991 mostra, por exemplo, que de 133.741 autorizações de internação hospitalar (AIH) pagas para doentes FPT, 96 mil foram para hospitais do Estado do Rio.

Esse lucrativo negócio, pago quase exclusivamente com dinheiro do ministério, é um dos maiores atrativos para os empresários do setor, concentrados no Estado e com forte influência nas entidades nacionais que congregam hospitais privados. O baixo custo do

doente e o longo período em que costuma permanecer internado explica esse interesse. A lamúria sobre a baixa remuneração já vem de décadas, mas os donos de hospitais estão sempre adquirindo novos hospitais para internar os FPT. Quando a situação aperta, e as mazelas do setor ficam evidentes, as mentiras aparecem: a descoberta de que em dois meses 88 doentes morreram, na Santa Genoveva, levou os donos da clínica a explicar que esses números eram "normais" para doentes terminais. No entanto, de acordo com dados do Centro de Processamento de Dados do Ministério da Saúde (Datusus) e do Centro de Processamento de Dados da

Previdência (Dataprev), nos últimos 10 anos a taxa de mortalidade desses doentes nos hospitais foi de apenas 4%.

Na Estado do Rio, as taxas de mortalidade dos FPT oscilaram, no mesmo período, entre 4.1% e 4.4% e na Santa Genoveva se mantiveram em 4.5%. Só que em 1996, os números

se alteraram para pior. Desde janeiro, a taxa de mortalidade na clínica cresceu muito, chegando a 20%, pouco antes de serem anunciadas as 87 mortes em dois meses.

A explicação do fenômeno, para os auditores da Secretaria Municipal de Saúde, que acompanham esse setor, é simples. Como nos últimos meses, os donos do hospital não foram beneficiados pelo reajuste das diárias — como esperavam — resolveram garantir uma margem razoável de lucro, restringindo ao máximo os gastos com os doentes.

Um dos sócios da clínica, Mansur Jorge Mansur, é o maior empresário fluminense do setor FPT, com outras cli-

nicas na Baixada Fluminense e no Norte do Estado. Tradicional dirigente de entidades que representam hospitais privados, segundo a deputada estadual Solange Amaral (PFL), é muito influente no Ministério da Saúde, e com o seu prestígio consegue apressar o pagamento das AIHs. Ele também presta uma espécie de assessoria técnica aos hospitais privados, usando seus conhecimentos no ministério para obter novos credenciamentos, autorizações para aumento de leitos e outras vantagens.

Mansur também tem trânsito livre na bancada de donos de hospitais da Câmara dos Deputados, que se concentra agora no *lobby* para aprovar a CPMF (Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira). Em período eleitoral, as entidades de hospitais privados, que, em sua maioria vive às custas do dinheiro do Sistema Único de Saúde, costumam angariar contribuições dos seus associados para financiar campanhas de políticos que defendem os interesses do setor.

Números da tragédia

70

%

das internações de doentes terminais (fora possibilidade terapêutica) são feitas no estado do Rio

4

%

foi a taxa de mortalidade dos doentes terminais em todo o país nos últimos 10 anos

4,5

%

era a taxa de mortalidade dos doentes terminais na Clínica Santa Genoveva até o início deste ano

20

%

foi a taxa de mortalidade dos doentes terminais na Santa Genoveva nos últimos meses